

A ARQUITETURA MODERNA DE TADAO ANDO

Renato Leão ¹

LEÃO, R. A Arquitetura Moderna de Tadao Ando. Revista Educação Gráfica, Bauru, v2, n.2, p45-50, 1998

ABSTRACT

This paper deals with Tadao Ando's architecture as the manifestation of oriental cultural values as well as the experience of Le Corbusier's Purism.

Key Words: *Post-modern, contextualism, modern architecture.*

Palavras-Chave: *Pós-modernidade, contextualismo, arquitetura moderna.*

INTRODUÇÃO

Este breve texto, bastante distante todavia de uma crítica à arquitetura e formalmente estruturado como um comentário do labor arquitetônico de Tadao Ando, não é senão um relato de algumas das 'imagens' - no sentido figurativo de experiências assimiladas que puderam ter concorrido outrora na ação mobilizadora da atividade do arquiteto.

À parte a satisfação racional das necessidades primeiras originárias da

¹ Renato Leão é doutor pela Universidad Politécnica de Madrid; foi professor da Universidade Estadual de Londrina e hoje leciona na Unimar - Universidade de Marília.

edificação, compete à imaginação da Arquitetura criar uma forma, entendendo-se por forma, como a define Lionello VENTURI (s.d., introdução), a ordem mental atribuída à experiência sensorial do arquiteto.

Ao fazer arquitetura, o arquiteto, enquanto portador de uma expressão, abriga um pensamento². A expressão formal dada às suas experiências sensoriais é a sua escrita. Por trás da fachada de cada edifício, Tadao Ando escreve sua história e sua cultura, particularidades da sua época e características do seu lugar, de modo que através destes elementos, circulando em profundidade na expressão arquitetônica como quer ANDO (1994), o arquiteto nos mostra que

“a criatividade - de acordo com VENTURI (s.d., p.265) - não está isolada, nem é isolável da vida do Homem”.

A ARQUITETURA MODERNA DE TADAO ANDO

O título deste relato é a sua traição. A arquitetura moderna de Ando é, por natureza, ‘pós-moderna’. Sua ambivalência é resultado de uma manobra considerada em dois tempos: um, a revisão crítica do movimento moderno, que deste modo incorpora valores locais. Nos anos sessenta, “Território da arquitetura” criticava a objetividade mecânica das concepções de então, numa alternativa construtiva ao cenário crítico da arquitetura europeia do pós-guerra - entre crise e continuidade do funcionalismo, onde GREGOTTI apontava a paisagem e a história como bases para a produção arquitetônica em harmonia com

seu contexto, do mesmo modo que ROSSI, ao delinear a cidade como bem histórico e cultural, falava de uma “Arquitetura da cidade” que cultivasse a imagem do lugar, tanto quanto memória e tradição como identidade. Este foi um tempo.

Outro, podemos percebê-lo agora quando globalização se faz a nova ordem mundial. Argan comenta num ensaio intitulado ‘Palladio e Palladianismo’ que o neoclassicismo fora um fenômeno desta grandeza, digo, universalmente adaptável e, portanto, globalizante; o impessoal estilo internacional, idem: arquiteturas por certo escritas, porém não pensadas em latim. O que se dá em economia atualmente desencadeia posturas inversas em arquitetura, hoje, e o que vemos em era de globalização econômica é a atomização de culturas locais, arquiteturas carregadas de valores regionais na voz ativa. Rossi, Siza, Moneo, Barragán e Legorreta, Ando, para citar alguns arquitetos de Itália, Portugal, Espanha, México, Japão, contribuintes do pluralismo cultural vigente no panorama arquitetônico. Regionalista, contudo moderna, essa é a inflexão (pós-moderna) da arquitetura minimalista de Tadao Ando.

Ando revela ao Extremo Ocidente a imagem da tradição oriental na sua arquitetura moderna: o léxico formal corbusierano, purista e universal, cristaliza o rito e a simbologia orientais, ao passo que a simplicidade volumétrica dos seus edifícios concilia o respeito pelo contexto geográfico e natural com a reinterpretação dos valores históricos e culturais do Japão. Imagens de um tempo - o tempo heróico das vanguardas artísticas europeias - fundem-se a outro e,

² Tadao Ando considera que “pensar está por diante de construir” e fazer arquitetura equivale a pensar.

no revival artístico característico da última década, velhas formas expressam 'novas culturas'.

A BAGAGEM DO VIAJANTE

O que caracteriza a arquitetura japonesa e a faz diferente é a sua concepção do espaço e, segundo RUIZ DE LA PUERTA (1991, Introdução), para entender o espaço arquitetônico japonês é preciso ter em conta uma série de conceitos filosóficos e culturais que condicionam a forma de vida japonesa.

Somente de posse destes dados poderemos entender o jogo que a arquitetura minimalista de Tadao Ando estabelece com a vacuidade dos espaços interiores e a crueza dos seus materiais contra a natureza, à qual o homem deverá dar uma ordem. Natureza e geometria, ou luz, matéria, paisagem e ordem, são os dois pólos diametralmente presentes na tensão estética da sua arquitetura.

Ando preocupa-se em construir uma arquitetura da luz, de onde sombra e vazio aparecem como dados positivos, longe do aspecto negativo que tais elementos representam no Ocidente. O vazio em Ando não é carência de algo, muito menos negação; o vazio governa positivamente todas as formas e é nele que se abriga o 'kami', uma força da natureza. A penumbra, como em edifícios medievais, é que vai revelar a beleza da presença da luz num facho que rasga o interior. E a luz, natural, segundo ele dará vida aos muros e à arquitetura.

Através de pequenas franjas de luz (verticais e horizontais) desmorona-se a tridimensionalidade estanque do espaço. O sentido de eterno no Oriente, latente nestes ambientes, é distinto: a eternidade aqui está

associada ao cambiante, ao cíclico - através do fugaz, o eterno e a luz captada nestes interiores por aberturas caprichosamente desenhadas atestam, como o relógio, a mudança de cada segundo: sua sombra transforma-se analogamente, e do dinamismo deste jogo sem fim Ando informa a eternidade do espírito vivo em sua arquitetura.

Tal apelo à variação parece vincular seu ideal de beleza ao termo da filosofia budista utilizado para descrever o mundo, *mujo*, que afirma que todas as coisas e todos os seres estão em constante fluxo e movimento, ou seja, o impermanente, o cambiante, o que em arte pode traduzir-se no assimétrico, no incompleto, no inacabado. Lembremos a onipresença em suas obras do concreto aparente, rústico, sem acabamentos, cru.

O que interessa de fato a Tadao Ando em sua obra é o tempo. Para ele, a arquitetura se produz no fluxo do tempo do mesmo modo que o ativa (ANDO, 1993). Na língua japonesa, o vocábulo *Ma* é uma conceituação do espaço e do tempo - "a distância natural entre duas ou mais coisas que existem em uma continuidade", em termos espaciais e, ainda, "a pausa natural ou intervalo entre dois ou mais fenômenos que se sucedem", em termos temporais. De acordo com RUIZ DE LA PUERTA (1991, Introdução) a dimensão espaço-temporal do *Ma* se relaciona com a interpretação do espaço como uma faceta bidimensional que inclui escalas de tempo. Seu espaço está concebido como acontecimento.

Para o arquiteto Arata Isozaki, o espaço ocidental é concebido em três dimensões enquanto que o Japão o concebe em duas dimensões: o volume nasce da combinação de planos. Em parte é o que desenha Ando - sua arquitetura se revela entre muros e

recorridos, onde os intervalos da construção e sua distância no tempo garantem a experiência sequencial do ambiente como no caminho de acesso à casa de chá onde a linha serpenteante conduz, lenta e gradualmente, e oferece vistas sempre parciais, enquanto coisas se manifestam, outras se ocultam, de modo que deste jardim nunca o visitante levará uma panorâmica global. Segundo Ando, ele tenta descrever as partes enquanto sugere o todo.

Através dos longos planos de concreto aparente que se lançam pelo terreno, aos moldes do pensamento neoplasticista desenhado por Mies em uma casa não erguida, estabelecendo uma ponte de ligação entre o entorno visível e os volumes puros que conformam o interior, Ando aspira fundir a arquitetura e o espírito do lugar.

Aos olhos de ANDO (1994, p.11) a arquitetura tradicional japonesa se transforma em um elemento secundário da paisagem preexistente, ao contrário da arquitetura ocidental, antagonista da paisagem em cuja cena nivela o terreno para criar outra superfície. Sua opinião é que a materialização da arquitetura se dá sempre em um 'lugar' e a sua nasce de um diálogo que propõe uma paisagem nova situada entre o natural e o artificial, onde as particularidades da arquitetura e da sua implantação se chocam 'violentamente', de onde a natureza ressurgirá desenhada pela geometria, a lógica arquitetônica (ANDO, 1994, p.10).

A GEOMETRIA DO AMBIENTE CONSTRUIDO

"Ser moderno não é uma moda, é um estado, faz falta compreender a história, e quem compreende a história sabe encontrar a continuidade entre o que foi, o que é e o que será." Le Corbusier

O aprendizado da arquitetura moderna levou Tadao Ando à França, ao encontro de Corbusier, empreendimento frustrado pela morte do mestre, assim definitivamente distante. Com o viajante que retorna as imagens retidas de uma arquitetura purista plasticamente intensa, da qual a geometria como ordem poética fica entre as experiências que precipitarão as 'formas' - no sentido anteriormente apontado - da arquitetura de Ando.

A origem deste preceito, depurado no slogan purista dos volumes contra a luz, acha-se na revisão do cubismo, que deu vazão a toda abstração do século XX mas que Corbusier considerava "impressionismo de formas", através da instalação da ordem geométrica na figura sem hierarquia que a revolução cubista retrata. Para se entender o desenho da arquitetura purista de Corbusier é necessário retomar dois pontos da sua pintura: as formas geométricas simples e a continuidade da linha que as desenha.

Nestas composições, a construção formal delegou à linha o contorno das figuras, a relação entre as partes, o entrelaçamento quase infinito das formas definidas, marriage de contour, cujo movimento massagearia o olho tal o deleite da sensação de beleza experimentada no quadro. Note-se que o efeito pictórico da seção horizontal de qualquer dos edifícios de Ando relembra o exercício de uma composição purista imaginada por Corbusier.

Das telas para a arquitetura, o marriage de contour se desdobra na continuidade temporal necessária para se apreciar e compreender a amplitude destes espaços 'modernos'. Se a interferência do tempo na construção do espaço na pintura é conquista inegável dos pintores cubistas, o *promenade architecturale* a que Corbusier nos induz

dentro da arquitetura purista soma sua experiência da arquitetura árabe:

“to appreciate the view while walking; it is in walking, in moving that one sees the architectural order develop. This principle is contrary to Baroque architecture which was conceived on paper around a fixed theoretical point” (apud TOMINAGA).

Neste contexto, cada detalhe dentro da arquitetura de Corbusier é uma máquina: funciona; multiplicados, fragmentam e atomizam a perspectiva renascentista, onde juntos desempenham o papel da surpresa como item da emoção. Passarela, rampa, nichos, massa, curva, reta, cada objeto desses conforma o espaço construído que deixa de ser ‘representado’ e passa, pós cubismo, a manifestar-se por si mesmo, como fenômeno (ARGAN, 1973). O detalhe é uma máquina de emocionar e sua arquitetura é a justaposição destes detalhes, que põe à mostra a complexidade da amplitude arquitetônica apreendida somente pela continuidade do passeio arquitetônico versus a simplicidade dos volumes puros escolhidos. Este o segundo ponto-chave para a arquitetura purista.

Para Corbusier, o quadro cubista ‘deformava’ por acidente, enquanto seu Purismo tinha como método a composição racional por ‘formação’. A pintura purista abstraía dos objetos cotidianos as formas geométricas simples que estarão presente em toda sua construção, pictórica ou arquitetônica. Corbusier apreendera da arquitetura da bacia mediterrânea a contenção formal e a coesão plástica, mais tarde conjugadas com a sinestesia sorridente que encontrara no Oriente Próximo.

Se dá na travessia de Istambul a Atenas a mudança de tom do discurso dos seus capítulos de viagem onde até então se lê ‘a alma que sente’ e, já na Grécia, o relato é o

do ‘espírito que mede’. De acordo com Corbusier, a beleza intelectual, que agrada o espírito do homem moderno como ‘agradou o espírito dos gregos, sai da beleza sensível: da experiência da harmonia, fruto da relação numérica entre os elementos da composição.

A simplicidade dos volumes puros que a geometria constrói ficará entre os motivos mais caros à arquitetura racionalista e universal que Le Corbusier defende, como nas páginas de “Por uma arquitetura” onde lê-se que a arquitetura egípcia, grega ou romana é uma arquitetura de prismas, cubos e cilindros, triedros ou esferas - para ele as mais belas formas. E o que é a arquitetura de Ando, pergunto, senão o jogo sábio e magnífico destes volumes reunidos sob a luz onde, no intervalo do vínculo de forma e função que caracteriza a arquitetura que se segue ao movimento moderno, a carga simbólica da sua cultura se aplica às figuras elípticas, cúbicas, cilíndricas, que o Purismo reclamava.

ANDO (1989) considera a arquitetura moderna um fato histórico inegável, porém de modo criativo estabelece a crítica que rejeita sua decadência estampada na racionalidade econômica e funcionalista que instituiu a padronização da arquitetura e a mediocridade da cidade moderna, resgatando os elementos culturais vitais que no passado deram suporte à arquitetura - história, tradição e paisagem local, formalizando o que Frampton chama de regionalismo crítico. Sua estratégia é personalizar o vocabulário e as técnicas desenvolvidas pelo movimento moderno, aberto e universalista, pela consciência estética japonesa, ou seja, aplicando-o a uma esfera fechada, com modos de vida individuais e diferenças regionais (ARANTES, 1995), de modo a realizar uma ‘arquitetura do lugar’, a que conta.



BIBLIOGRAFIA

ANDO, Tadao. Ando por él mismo. Tadao Ando - más allá de los horizontes en arquitectura, Madri: Ministerio de Obras Públicas, Transportes y Medio Ambiente. 1994. Catálogo da exposição.

_____. Tadao Ando 1989/1992. El Croquis de Arquitectura y diseño. Madri, El croquis Editorial, 1993. No. 58.

_____. The Yale Studio & Current Works. New York, Rizzoli, 1989.

ARANTES, Otília. A ideologia do 'lugar público' na arquitetura contemporânea (um roteiro). In: _____. O lugar da arquitetura depois dos modernos. São Paulo, Edusp, 1995.

ARGAN, Giulio Carlo. El concepto del espacio arquitectónico - desde el Barroco a nuestros días. Buenos Aires, Nueva Visión, 1973.

FRAMPTON, Kenneth. Historia crítica de la arquitectura moderna. Barcelona, GG, 1994. 7ed.

LE CORBUSIER. El viaje de Oriente. S.I., Colegio Oficial de Aparejadores y Arquitectos Técnicos de Murcia, 1984.

_____. Por uma arquitetura. São Paulo, Perspectiva, 1989.

MONTANER, Josep Maria. Después del movimiento moderno; arquitectura de la segunda mitad del siglo XX. Barcelona, GG, 1995. 2ed.

OZENFANT, A y JEANNERET, Ch. E. Acerca del Purismo, Escritos 1918-1926. Madri, El Croquis, 1994.

RUIZ DE LA PUERTA, Felix e ESTRADA, Tatiana. Kikoo Mozuma: la arquitectura como símbolo. Madri, Nerea, 1991.

TOMINAGA, Yyzuru. Essays on residential master pieces - Le Corbusier. GA HOUSES, 1993, n.38 e 39.

VENTURI, L. História da crítica de Arte. Lisboa, Edições 70. Introdução.